



O sonho em *Quéreas e Calíroo*, de Cáriton de Afrodísias¹

Dreams in Chariton's *Chaereas and Callirhoe*

Adriane da Silva Duarte²

e-mail: asduarte@usp.br

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7133-3115>

Isabel Passos López³

e-mail: isabel.lopez@usp.br

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2731-3598>

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v6i1.15834>

Resumo: Este artigo propõe a análise dos sonhos que ocorrem em *Quéreas e Calíroo*, de Cáriton de Afrodísias (I d.C.). O sonho está presente na literatura grega desde os poemas homéricos, o que atesta a sua relevância na cultura e no imaginário. Os nove sonhos relatados no romance serão examinados de uma perspectiva narratológica, levando-se também em conta o contexto cultural e a *Onirocrítica*, de Artemidoro (II d. C.).

Palavras-chave: sonhos; romance antigo; *Quéreas e Calíroo*; Cáriton de Afrodísias

Abstract: This article proposes the analysis of the dreams that occur in Chariton's *Chaereas and Callirhoe* (I AD). The dream is present in Greek literature since the Homeric poems, which attests to its relevance in culture and in the imaginary. The nine dreams reported in the novel will be examined from a narratological perspective, also taking into account the cultural context and the *Oneirocritic*, of Artemidoro (II AD).

Keywords: dreams; ancient novel; *Chaereas and Callirhoe*; Chariton

¹ Este artigo resulta do projeto de iniciação científica *O papel dos sonhos no romance Quéreas e Calíroo, de Cáriton de Afrodísias*, financiado pela Reitoria da Universidade de São Paulo (2016-2017).

² Professora Livre-Docente de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo.

³ Graduanda do Curso de Letras (Grego/Português) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil.



Este artigo tem por objetivo estudar o papel dos sonhos em *Quéreas e Calíroo*, de Cáriton de Afrodísias (I d.C.). A obra integra o cânone dos romances de amor idealizado (*ideal love novels*), onde, tipicamente, um casal se apaixona, é separado, passa por diversas aventuras até seu reencontro e o final feliz⁴. Durante essa jornada, os personagens do romance têm nove sonhos, que se buscou investigar com o enfoque narratológico, mas considerando também o papel cultural do sonho na sociedade e no imaginário gregos. Para abordá-los, no entanto, é preciso apresentar um resumo da trama.

Quéreas e Calíroo narra a história do jovem casal homônimo que, por ação de Afrodite e da Fortuna, sofre adversidades que os impede de gozar sua paixão, até que, após errâncias e sofrimentos, os deuses permitem sua reunião final. Calíroo, a protagonista, a mais bela adolescente de Siracusa, é filha do general Hermócrates, notório por derrotar os atenienses em uma batalha naval, transcorrida durante a Expedição à Sicília (415–413 a.C.)⁵. A história começa quando Calíroo e Quéreas, jovem com beleza notável e de família abastada, encontram-se no caminho que leva ao templo de Afrodite, quando da celebração de um festival em honra à deusa. Os dois se apaixonam à primeira vista, o que constitui o primeiro passo de uma intensa história de amor (ou, como Cáriton denomina em I,1, *páthos erotikón*). Embora Calíroo fosse cortejada por diversos pretendentes e a família de Quéreas fosse rival política da sua, conseguem casar-se graças à intervenção dos cidadãos, que veneram o casal, junto ao pai da moça.

⁴ Para uma descrição do *corpus* e das espécies em que se divide o gênero, consultar Brandão, J. L. (2005), especialmente o cap. 3, “O gênero e suas espécies”. Os *parádoxa*, ou narrativas extraordinárias, são os romances de viagem e aventura; os *erótika*, são os que privilegiam as peripécias amorosas em primeiro plano. Há também os que conjugam ambas as vertentes, os *erótika + parádoxa*, em que a provação dos amantes tem lugar destacado (cf. Brandão, 2005, p. 271).

⁵ Hermócrates é figura histórica mencionada em diversas ocasiões por Tucídides em *A história da Guerra do Peloponeso*. Cf. IV.58–65; VI.32–5, 72–3, 75–80; VII.21, 73; VIII.26–9, 45, 85.

Pouco depois de casados, os antigos pretendentes de Calíroo engendram uma trama para que o noivo pense que Calíroo o trai. Ele acaba por acreditar no ardil e, dominado por ciúme e raiva, desfere um chute no diafragma da esposa, que tem uma síncope e desmaia, aparentando estar morta. Essa agressão atrai sobre ele a fúria de Afrodite, deusa que patrocinara seus amores.

Calíroo é sepultada suntuosamente, de modo que suas relíquias atraem a cobiça de piratas saqueadores de tumbas, que, ao descobri-la viva, decidem levá-la com os demais tesouros para vendê-la longe dali. E, assim, a jovem livre e de origem aristocrática passa a escrava de Dionísio, ilustre cidadão de Mileto, que também se apaixona por ela à primeira vista ao confundir-la com Afrodite. Dionísio tenta seduzi-la, mas Calíroo, fiel a Quéreas, resiste. Fica dividida, contudo, quando se descobre grávida do marido: ou aborta a criança que espera e se mantém fiel, ou se casa com Dionísio e atribui a ele a paternidade de seu filho, salvando-o. Um sonho, em que Quéreas pede que cuide da criança, é decisivo para que decida pelo segundo casamento.

Enquanto isso, em Siracusa, Quéreas descobre o ataque à tumba da esposa e o desaparecimento do corpo, e lança-se à sua procura. Depara-se com o navio dos piratas e captura seu líder, Theron, que termina por confessar que vendera Calíroo na Jônia. Quéreas lidera uma missão de resgate, mas sua trirreme é atacada e ele, feito escravo. Levado a Cária, seu senhor conta-lhe que Calíroo se casou com Dionísio e está grávida. Calíroo, por sua vez, sem saber o que se passa em Siracusa, sonha com Quéreas acorrentado e, ao interpretar o próprio sonho, acredita que o marido está morto. Angustiado, chama pelo seu nome e Dionísio a escuta. Ele faz com que Calíroo conte sobre seu casamento anterior, que ignorava. A princípio, preocupa-se com a existência de um rival, mas logo um de seus criados o convence da morte de Quéreas, o que o tranquiliza.

Mitrídates, senhor de Quéreas e conhecido de Dionísio, decide ajudar o jovem a se reencontrar com Calíroo. Assim, orchestra para que uma carta de Quéreas seja entregue a ela, mas

Dionísio é quem a recebe. Entretanto, por estar convicto da morte do primeiro esposo de Calíroo, pensa se tratar de uma artimanha de Mitrídates para conquistar sua mulher, famosa por sua beleza. Dessa forma, denuncia o sátrapa ao Grande Rei, que dá início a um processo, na Babilônia, fazendo-se juiz do caso. Quando Quéreas aparece no julgamento, causando a absolvição de Mitrídates, surge um novo problema a ser arbitrado: quem seria de fato e de direito o marido de Calíroo, já que os dois a desposaram legalmente? Artaxerxes, o Grande Rei, também acaba se apaixonando pela jovem, o que compromete sua condição de juiz. Vale notar que, tal qual Hermócrates, Artaxerxes também é uma figura histórica, rei da Pérsia após Xerxes I⁶.

Uma guerra contra os egípcios inicia-se e o julgamento é adiado. Quéreas alia-se ao lado egípcio. Sagrando-se vencedor em uma batalha naval, captura Calíroo em meio a outros prisioneiros persas e assim o casal retorna a Siracusa, onde é recebido com alegria pela população e por seus parentes; no entanto, o filho deles permanece na Jônia com Dionísio. As aventuras do casal são narradas numa assembleia aos cidadãos, que vibram com cada episódio. Assim, o narrador termina a trama, afirmando estar completa a história de Calíroo – e não de Quéreas e Calíroo.

Esse resumo do romance é necessário para que melhor se possa apreender a presença e o significado dos sonhos no conjunto da narrativa, uma vez que eles estão dispersos por vários dos livros que compõem a obra. Há nove ocorrências ao longo dos oito livros de *Quéreas e Calíroo*, sistematizados no quadro que se segue:

⁶ Além de Hermócrates e Artaxerxes (Artaxerxes II Mnemon, cujo reinado vai de 404–358 a.C.), Estatira, a rainha persa, também está atestada historicamente.

Sonho	Quem	Interpretação	Localização	Contexto	Tema
Sonho I	Pirata Theron	Theron	Livro I, 12	Após cogitar partir e jogar Calíroo ao mar	Portas fechadas
Sonho II	Dionísio	Leonas	Livro II, 1	Noite em que Leonas, capataz de Dionísio, compra Calíroo dos piratas	Sonha que conduz sua primeira mulher à propriedade após o casamento, só que ela está “maior e mais forte”
Sonho III	Calíroo	Ausente	Livro II, 3	Noite anterior ao primeiro encontro com Dionísio	Vê Afrodite no sonho
Sonho IV	Calíroo	Calíroo	Livro II, 9	Calíroo tem de decidir entre ter o filho e casar de novo ou não casar e abortar	Sonha que Quéreas confia o filho a ela
Sonho V	Calíroo	Calíroo	Livro III, 7	Quéreas e Policarmo são feitos escravos	Quéreas acorrentado querendo se aproximar dela, mas sem conseguir
Sonho VI	Calíroo	Ausente	Livro IV, 1	Calíroo e Dionísio acreditam que bárbaros queimaram a trirreme em que Quéreas estava; assim, ele se encontra morto	Sonha com os bárbaros portando fogo e a trirreme incendiada, mas ela indo em socorro de Quéreas
Sonho VII	Calíroo	Plangona	Livro V, 5	Noite anterior ao julgamento de Mitridates	Sonha com Siracusa, o templo de Afrodite, o dia em que conheceu Quéreas e seus pais a escoltando para o casamento com ele
Sonho VIII	Grande Rei	Grande Rei e Adivinhos	Livro VI, 2	Noite anterior ao julgamento que decidiria quem seria o marido de fato de Calíroo	Deuses que protegem a realeza reclamando por sacrifícios
Sonho IX	Grande Rei	Ausente	Livro VI, 7	Grande Rei está apaixonado por Calíroo e o eunuco tenta convencer o Rei a esquecer a paixão pela jovem	Calíroo

A primeira coluna elenca os sonhos na ordem em que ocorrem na trama, ou seja, o Sonho I é o primeiro do romance, o Sonho II é o segundo e assim sucessivamente. A segunda coluna, cujo título é “Quem”, indica qual personagem teve o sonho. Assim, por exemplo, o pirata Theron teve o Sonho I. A terceira coluna diz respeito à interpretação do sonho que pode ter sido feita pelo próprio sonhante, por outro personagem ou ainda calhar de não ter sido interpretado dentro da narrativa (neste caso está marcado como “Ausente”). A quarta coluna, “Localização”, registra o livro e o capítulo onde o sonho ocorre – o Sonho I, por exemplo, está localizado no capítulo 12 do livro I. A quinta coluna busca contextualizar de forma concisa o momento da narrativa em que acontece o sonho. Já a última coluna, “Tema”, descreve brevemente o conteúdo do sonho.

Uma primeira análise da tabela revela que, dentre os nove sonhos do romance, cinco deles são de Calíroo, dois do Grande Rei, um de Theron e um de Dionísio, o que parece conferir a Calíroo o protagonismo também nesse quesito. Vale ainda notar que os sonhos são distribuídos quase homogeneamente ao longo da narrativa, podendo ser encontrados desde o livro I até o livro VI, mas estão ausentes dos dois últimos, VII e VIII. A razão disso talvez esteja na aproximação do clímax e do final da história, que esvaziariam o sonho de uma de suas funções narrativas, antecipar novos desenvolvimentos da ação, desnecessários ou indesejáveis à essa altura. Também cabe destacar que os sonhos podem ser descritos pelo narrador, mas nunca são interpretados por ele, tarefa que cabe aos personagens e, de certa forma, a nós, os leitores.

O primeiro sonho do romance, como dito anteriormente, tem Theron como sonhante. Quando o sonho se dá na trama, o pirata estava convencido de que a venda de Calíroo como escrava não seria bem-sucedida e, portanto, decidira-se por zarpar e atirá-la ao mar no dia seguinte. Entretanto, adormece e vê portas fechadas, o que faz com que opte por permanecer em terra por mais

um dia. Portanto, o sonho I orienta a ação da personagem, já que, em função dele, Theron reformula o plano que concebera anteriormente e acaba por encontrar um comprador para a moça. Não há uma interpretação explícita do sonho, mas fica evidente que a ação da personagem é uma resposta à matéria sonhada: portas fechadas. Esse é um sonho simbólico, uma vez que não se refere a uma experiência que tenha vivido.

Essa leitura encontra respaldo em uma anotação de Artemidoro de Dáldis (II d. C.), autor da *Onirocrítica*, para quem sonhar com chaves antes de viajar é um mau presságio, uma vez que elas indicam reclusão e impedimento, servindo apenas para fechar portas (para ele, as chaves não poderiam abrir portas, uma vez que assim não haveria necessidade de portas ou chaves). As chaves também são símbolos de confiança aos que pretendem controlar e administrar propriedades de outros. Logo, podemos inferir que sonhar com as portas fechadas representaria um obstáculo à viagem, mas um indício de que um negócio poderia se concretizar⁷. E o próprio sonhante parece se dar conta disso ao optar por esperar mais um dia antes de prosseguir. Como consequência, sua espera tem como resultado a venda bem-sucedida de Calíroo, quase como uma recompensa por se curvar ao sonho, conseguindo assim realizar um bom negócio. Portanto, esse sonho é tanto motivação actorial de Theron quanto motivação narratorial, dado que, para a história avançar, evidentemente, Calíroo não poderia ser morta, bem como precisaria de um comprador.

Ainda no plano da narrativa, é possível especular que o sonho seja uma intervenção da deusa Afrodite para ajudar Calíroo, a quem sempre protege. Isso qualificaria o sonho como divino, pois a espera de Theron resulta na venda e, portanto, na salvação da moça, destinada a andar na prancha. Ademais, no segundo capítulo do livro II, somos informados por Plangona (escrava que virá a ajudar

⁷ Cf. Artemidoro, especialmente III, 54. É bem provável que as interpretações contidas no tratado de Artemidoro já circulassem no mundo grego há bastante tempo, tendo o autor compilado e sistematizado obras pregressas. Sobre a tradição onirocrítica grega, cf. Ferreira (2014, pp. 31-37).

Calíroo na casa de Dionísio) que a aldeia onde Calíroo residirá após ser vendida é palco de constantes aparições de Afrodite, que seus habitantes a veneram e que o próprio senhor de Calíroo é protegido e atendido pela mesma deusa, tendo construído um templo para ela em sua propriedade.

Que os sonhos tenham origem divina faz parte do imaginário grego desde o período arcaico, como atestam os poemas homéricos. Na *Iliada* (II, 1-40), Zeus envia um sonho a Agamemnon, instigando-o a atacar os troianos. O sonho (*óneiros*), personificado, anuncia ao rei: “Sou mensageiro de Zeus” (*Il.* II, 26)⁸. Contudo, nem todo sonho parte de um deus ou tem conteúdo verídico – e esse é o caso do sonho iliádico. Penélope, na *Odisseia* (XIX, 562-567), distingue entre os que são oriundos das portas de marfim, enganadores, e os que vêm das portas de chifre, proféticos⁹. A esposa de Odisseu exprime autêntica dúvida sobre a natureza do sonho que teve, pois o sonhante normalmente não é capaz de determinar a origem do sonho ou seu grau de veracidade. No caso do sonho de Theron, o texto não menciona Afrodite, mas o leitor originário da obra, por partilhar dessas concepções sobre o sonhar, estaria aberto para estabelecer essa correlação.

Após Leonas, capataz de Dionísio, comprar Calíroo para tentar melhorar o ânimo de seu senhor, que enviudara recentemente, Dionísio tem o segundo sonho do romance, em que vê sua falecida esposa. Ele o narra ao intendente (CÁRITON, II, 1)¹⁰:

μίαν ταύτην ἐγὼ νύκτα μετὰ τὸν θάνατον τῆς ἀθλίας ἠδέως κεκοίμημαι· καὶ γὰρ εἶδον αὐτὴν ἐναργῶς μείζονά τε καὶ κρείττονα γεγεννημένην, καὶ ὡς ὕπαρ μοι συνῆν. ἔδοξα δὲ εἶναι τὴν πρώτην ἡμέραν τῶν γάμων καὶ ἀπὸ τῶν χωρίων μου τῶν παραθαλαττίων αὐτὴν νυμφαγωγεῖν, σοῦ μοι τὸν ὑμέναιον ἄδοντος.

⁸ Tradução de Frederico Lourenço (2013).

⁹ “Pois de dois tipos são os portões dos túbios sonhos:/ um é feito com chifres, o outro é de marfim. / Dos sonhos, os que passam pelo marfim talhado, / esses emaranham-se, levando palavras irrealizáveis;/ os que passam pela porta de cornos polidos,/ esses realizam o que é real quando um mortal os vê”. Homero. *Odisseia*. Tradução de Christian Werner (2014).

¹⁰ As traduções do romance são de Adriane da Silva Duarte (2018, no prelo).

Essa noite foi a única em que dormi bem desde a morte da pobre coitada. Eu a vi num sonho nitidamente, só que maior e mais forte, e era como se estivesse comigo de tão real. Parecia que era o primeiro dia de nossa vida de casados e que eu a conduzia, noiva, desde a minha propriedade, a que fica à beira mar, enquanto você cantava para mim cantos nupciais.

O sonho é bastante intrigante e revelador. Do ponto de vista da narrativa, quando visto pela ótica de Dionísio, apresenta uma analepse externa, remetendo ao seu primeiro casamento, mesmo que não necessariamente de modo exato. O sonho é proléptico também, pois prepara e antecipa a introdução de Calíroo na vida de Dionísio e antevê o casamento dos dois, criando uma expectativa de que isso ocorra para o leitor, que conhece as intenções de Leonas. Isso pode ser percebido a partir da caracterização dada à esposa dele, “maior e mais forte”. É a terceira vez que essa fórmula aparece no romance, sendo que as duas primeiras são anteriores ao Sonho II (livro I, 1; livro I, 6), quando se referem explicitamente a Calíroo. A fórmula é empregada pela primeira vez no dia do casamento da jovem, quando ela descobre que seu noivo é de fato Quéreas, o que a torna “maior e mais forte”. Já a segunda ocorrência se dá no funeral da jovem e é usada para descrever sua aparência no ataúde. Curiosamente, a esposa *falecida* de Dionísio aparece em seu sonho como *noiva* e “maior e mais forte”, o que aproxima sua imagem da de Calíroo, relação que não passaria despercebida ao leitor atento.

O uso de fórmulas, citadas ou próprias, empregado por Cáriton visa, entre outros motivos, associá-lo a Homero como um mestre da narrativa. No caso, essa fórmula também remete a uma expressão empregada por Safo no fragmento 111, em que descreve o noivo como sendo “muito maior do que um grande varão” (ἄνδρος μεγάλω πόλυ μέζων). O Fragmento 111 de Safo é um epitalâmio onde a beleza dos noivos é exaltada. De acordo com Ragusa (2013, p. 126):

Na cena, alude-se à entrada dos noivos no aposento nupcial [...]. Note-se que o fragmento é claramente coral e vale-se de um recurso muito característico da canção: o refrão invocando Himeneu, cujo nome é também um termo genérico para canções feitas para a celebração da boda.

De certo modo, o sonho de Dionísio parece ter elementos em comum com o epitalâmio que vão além da fórmula, isto é, Dionísio não só se vê conduzindo sua primeira esposa no “primeiro dia de casados”, como também seu criado Leonas entoava “cantos nupciais” para ele.

Outra indicação de que este sonho possivelmente remete a Calíroo é a especificação da propriedade à beira-mar. Essa pista só poderá ser percebida pelo leitor no capítulo três do mesmo livro, quando acontece o encontro entre as duas personagens na propriedade sonhada. Além disso, curiosamente, o narrador parece ligar Dionísio e Calíroo através do sono na noite anterior ao primeiro encontro deles. Ao final do livro I, Cáriton diz que Calíroo caíra no sono enquanto se lamentava; já o livro II se inicia pelo sonho de Dionísio.

O Sonho III quase carece de descrição: o narrador apenas nos conta que Calíroo sonhou com Afrodite na mesma noite em que Dionísio se dirigia para a propriedade em que ela está. Esse sonho, contudo, orienta a ação da personagem. Após a visão, a jovem decide ir ao templo rezar para a deusa e lá encontra Dionísio, que julga presenciar uma epifania. A partir da ação de Calíroo e da consequência dela, podemos conjecturar que se tratava de um sonho divino. Para Artemidoro, na *Onirocrítica*, sonhar com a imagem de Afrodite propicia casamentos e a geração de filhos, o que de fato virá a acontecer (ARTEMIDORO, II, 37; V, 39). Entretanto, no âmbito narrativo, parece se tratar de um artifício para garantir o encontro das duas personagens de forma coerente com a trama, isto é, Calíroo orando à deusa que protege tanto a ela quanto a Dionísio, de tal forma que este se apaixone por ela. O fato de terem se visto pela primeira vez no templo da deusa também remete ao primeiro encontro de Calíroo e Quéreas, que nasce durante a procissão que as siracusanas faziam ao templo de Afrodite (cf. *Quéreas e Calíroo*, I, 1).

O Sonho IV acontece em um momento de alta dramaticidade, em que Calíroo, após descobrir-se grávida de Quéreas, vive o dilema entre abortar, para evitar que o filho leve uma vida de escravo, ou dar prosseguimento à gravidez, casando-se com Dionísio, a quem atribuiria a paternidade da criança. A segunda alternativa implica trair Quéreas, o que causa grande sofrimento à heroína. Nos romances de amor idealizado, fidelidade e castidade são muito valorizados e, embora possa parecer que *Quéreas e Calíroo* seja uma exceção à regra, dada a bigamia da protagonista, não é o caso. A decisão de se casar novamente visa unicamente a preservar a vida do filho de Quéreas e é tomada após um sonho. Durante o sono, Calíroo vê o marido postado ao seu lado, que lhe diz: “Confio a você nosso filho, mulher” (CÁRITON, II, 9). A visão é tão vívida que ela chega a saltar da cama para abraçá-lo.

Parece claro que Calíroo vê o sonho como uma forma de comunicação com Quéreas, o que é reforçado pela citação de versos da *Ilíada* em que Pátroclo aparece a Aquiles adormecido reclamando seus funerais (*Il.* XXIII, 66-67). À diferença do poema homérico, contudo, Quéreas não está morto (como Pátroclo) e nem mesmo Calíroo aventava esta hipótese. A essa altura o jovem ignora tanto o paradeiro da mulher, que tinha por morta, quanto a sua gravidez. O sonho é, portanto, resposta às angústias da personagem ou, na classificação de Artemidoro (ARTEMIDORO, I, 1), um *enýpnion* que retrata o que já existe e cujas imagens não expressam uma previsão, sendo apenas fruto de uma necessidade biológica e psíquica do sonhante. De qualquer forma, do ponto de vista narrativo, o sonho orienta a ação da personagem, que fundamenta sua decisão com base nele (CÁRITON, II, 11, em que Calíroo se dirige inicialmente ao filho que traz no ventre e, em seguida, a Quéreas ausente):

πυθώμεθά σου καὶ τοῦ πατρός. μᾶλλον δὲ εἴρηκεν· αὐτὸς γάρ μοι παραστὰς ἐν τοῖς ὄνειροις ‘παρατίθεμαί σοι’, φησὶ, ‘τὸν υἱόν.’ μαρτύρομαί σε, Χαιρέα, σύ με Διονυσίῳ νυμφαγωγεῖς.

Perguntemos agora a seu pai. Ele, contudo, já se pronunciou com clareza, quando se postou ao meu lado no sonho e disse: “Confio a você nosso filho”. Invoco seu testemunho, Quéreas, de que é você quem sela meu casamento com Dionísio!

O sonho V, ao contrário dos sonhos anteriores, indubitavelmente é de caráter oracular, uma vez que a sonhante tem acesso a informações que de outra forma não teria. Calíroo vê Quéreas acorrentado na mesma noite em que ele é feito escravo. Além disso, no sonho, o jovem tenta se aproximar de Calíroo sem conseguir, o que corresponde ao que acontece, pois ele é capturado após ter descoberto o paradeiro da esposa na propriedade mesma de Dionísio. Esse sonho, portanto, seria classificado por Artemidoro como um sonho direto ou teomático, já que suas imagens correspondem com exatidão ao que ocorre na realidade, em oposição aos sonhos simbólicos ou alegóricos, cujas imagens não têm relação direta com a realidade, representando algo que ainda acontecerá (ARTEMIDORO, I, 2; III, 1).

Para a jovem, porém, o sonho não pode ser entendido literalmente, uma vez que acredita que o primeiro marido esteja em Siracusa e ignore o que se passa com ela. Assim, as correntes assumem valor simbólico e são associadas à ideia de morte e não à de escravidão. Para a personagem, o sonho é, portanto, simbólico. Aqui, mais uma vez, a interpretação de Calíroo contribui para o progresso da narrativa. Calíroo e Dionísio precisam acreditar na morte de Quéreas para que o julgamento na Babilônia, que promoverá o reencontro com Quéreas, possa ocorrer.

E é no contexto de luto por Quéreas que Calíroo tem o Sonho VI. Nele, ela vê bandidos bárbaros portando fogo, a trirreme incendiada e ela própria indo socorrer Quéreas (IV, 1). Curiosamente, este sonho não possui interpretação de nenhuma personagem, sequer orienta a ação de alguma delas. O sonho parece representar exatamente a história contada a Dionísio (III, 9) e que chega ao conhecimento de Calíroo (III, 10). Dessa forma, o sonho VI corrobora o que a jovem sabe sobre a

suposta morte de Quéreas, exceto por sua tentativa de salvá-lo. Portanto, na perspectiva dela, o sonho poderia ser entendido como enganoso, porque ela vê o que pensa ter acontecido, mas seu desfecho é incongruente, uma vez que crê na morte do primeiro esposo. Entretanto, o leitor sabe que essa história não é a verdadeira: um empregado de Dionísio, desconfiado, descobre a procedência da trirreme e, sem avisar o patrão, convence uma guarnição persa a atacá-la. Os persas a incendiam e aprisionam sobreviventes, a serem vendidos em outras províncias, e, entre eles, Policarmo e Quéreas (III, 7), mas, para o empregado, eles estavam mortos. Em vista disto, a visão de Calírroe é verdadeira apenas no limite em que a trirreme realmente foi incendiada por bárbaros; todavia, Quéreas não morreu no incêndio. Quiçá, de uma perspectiva mais freudiana, esse sonho seja uma expressão da angústia e do desejo da protagonista de ir ao encontro do amado e de impedir sua morte. Já o leitor, por conhecer os fatos, poderia interpretá-lo como uma antecipação da reunião do casal na Babilônia. Dessa forma, o sonho seria proléptico.

Quando Dionísio intercepta a carta escrita por Quéreas para Calírroe, pensa se tratar de uma artimanha de Mitrídates para atrair sua mulher, já que considera o rival morto (IV, 4). Denuncia o sátrapa ao Grande Rei, que convoca todos ao tribunal babilônico, requisitando, inclusive, a presença de Calírroe. Assim, quando estão todos na Babilônia para o julgamento de Mitrídates, em que Quéreas será o elemento surpresa de sua defesa, Calírroe é chamada ao tribunal. Nesse contexto, na noite anterior ao julgamento, ocorre o sonho VII, ou seja, antes de Calírroe e Dionísio descobrirem que Quéreas está vivo. O narrador é quem descreve o sonho da jovem (CÁRITON, V, 5):

τοιαῦτα ὀδυρομένη τὴν ἡμέραν ὄλην ἀθύμως διήγαγε καὶ μᾶλλον ἐκείνης Διονύσιος· νυκτὸς δὲ ἐπελθούσης ὄναρ ἔβλεπεν αὐτὴν ἐν Συρακούσαις παρθένον εἰς τὸ τῆς Ἀφροδίτης τέμενος εἰσιοῦσαν κάκειθεν ἐπανιοῦσαν ὀρῶσαν Χαιρέαν καὶ τὴν τῶν γάμων ἡμέραν καὶ ἐστεφανωμένην τὴν πόλιν ὄλην καὶ προπεμπομένην αὐτὴν ὑπὸ πατρὸς καὶ μητρὸς εἰς τὴν οἰκίαν τοῦ νυμφίου.

μέλλουσα δὲ καταφιλεῖν Χαιρέαν ἐκ τῶν ὕπνων ἀνέθορε καὶ καλέσασα Πλαγγόνα (Διονύσιος γὰρ ἔφθη προεξαναστάς, ἵνα μελετήσῃ τὴν δίκην) τὸ ὄναρ διηγείτο.

Entregando-se a lamentações tais, passou o dia desanimada, e Dionísio mais do que ela. Mas, quando a noite veio, viu-se em sonho em Siracusa, donzela ainda, entrando no recinto consagrado a Afrodite e, dali retornando, viu Quéreas e o dia de seu casamento, toda a cidade enfeitada com coroas e ela própria escoltada por seu pai e sua mãe até a casa do noivo. Quando estava prestes a beijar Quéreas, despertou abruptamente e, chamando Plangona (Dionísio levantara-se mais cedo que de hábito a fim de estudar o caso), contou-lhe o sonho.

Plangona, sua criada, considera o sonho de bom augúrio. Segundo ela, Calíroo logo estaria livre de suas preocupações. Assim, recomenda que a jovem entre no tribunal como se adentrasse o templo de Afrodite, tendo em mente quem foi e mostrando-se tão bela quanto no dia de seu casamento.

Vale notar que esse sonho é simétrico ao que Dionísio tem na noite em que Leonas compra Calíroo (Sonho II), dado que aqui ela também vê o dia de seu casamento com o primeiro marido, que crê estar morto. E, além disso, ela conta o sonhado a Plangona, similarmente ao que faz Dionísio com Leonas. Talvez o papel deste sonho seja rememorar o leitor e a própria personagem de sua identidade, tal como Plangona sugere. Mas, se pensarmos no âmbito da narrativa, o sonho serve como antecipação do reencontro de Quéreas e Calíroo, criando expectativas da reunião do casal para o receptor, que sabe que Quéreas estava vivo e na Babilônia. Entretanto, apesar de eles se verem no tribunal, numa cena impactante, não há a reunião de imediato – o reencontro acontecerá apenas no livro VIII. De qualquer forma, destaco que, assim como na visão de Dionísio, este sonho é tanto proléptico quanto analéptico.

O Sonho VIII, o penúltimo do romance, é bastante peculiar, pois se sugere que seja inventado pelo Grande Rei como pretexto para adiar o julgamento. Após avistar Calíroo no tribunal (V, 5), o

Rei se apaixona por ela. Essa possibilidade já havia sido aventada pela própria Calírroe – que frequentemente atribui à sua beleza a causa de seus males – e por Dionísio – que é bastante ciumento e decide, inicialmente, esconder a mulher de outros olhares. Quando o Grande Rei vê sua condição de juiz afetada por Eros, não sabe o que fazer a respeito: por um lado, quer prezar seu papel de árbitro e demonstrar autocontrole, por outro quer se valer de sua soberania para ter Calírroe. Por considerar injusto que Calírroe ficasse na residência de um dos maridos que a reclamam, ela é alojada no palácio sob os cuidados de Estatira, sua esposa.

Na noite anterior ao segundo julgamento, o Rei tem bastante dificuldade para dormir. Assim, opta por suspender o júri (CÁRITON, VI, 1):

ἀλλὰ ἔφθην ἀναδέξασθαι τὴν κρίσιν καὶ πάντες τοῦτ' ἴσασι. μάλιστα δὲ
Στάτειραν αἰδοῦμαι. μήτε οὖν δημοσίευε τὸν ἔρωτα μήτε τὴν δίκην ἀπάρτιζε.
ἀρκεῖ σοι Καλλιρρόην κὰν βλέπειν· ὑπέρθου τὴν κρίσιν· τοῦτο γὰρ ἔξεστι καὶ
ιδιώτῃ δικαστῇ.

[...] Mas antecipei-me ao assumir o júri e isso é do conhecimento de todos. Mais que tudo envergonho-me por Estatira. Então, nem torne pública a paixão, nem conclua o julgamento. Basta-lhe apenas olhar para Calírroe. Suspenda o júri, isso é lícito até mesmo em um tribunal ordinário.

Na manhã seguinte, o Grande Rei avisa ao eunuco que tivera um sonho em que os deuses que protegiam a realeza reclamavam por sacrifícios (VI, 2). Dessa maneira, ele decide interromper outras atividades e dedicar-se apenas ao ofício divino por trinta dias. O narrador não explica quais deuses são esses, sequer se são gregos ou persas. Mas os deuses a quem sacrifica são Eros e Afrodite, evidenciando que, além de não serem “os deuses que protegem a realeza”, são divindades relacionadas ao amor, ao matrimônio e à geração de filhos. Fica subentendido que não houve sonho de fato, tendo o Rei alegado que sonhara apenas para evitar separar-se de Calírroe.

É curioso que as próprias personagens levantam a ideia de que o Rei está fazendo sacrifícios para adiar o julgamento e propiciar algo de interesse. É essa a conclusão de Dionísio (CÁRITON, VI, 2):

τί δικάζη, ἀνόητε, Χαιρέαν ἀντίδικον ἔχεις; κατεσκεύασας σεαυτῶ δεσπότην ἀντεραστήν. νῦν βασιλεὺς καὶ ὄνειράτα βλέπει, καὶ ἀπαιτοῦσιν αὐτὸν θυσίας θεοὶ οἷς καθ' ἡμέραν θύει. ὦ τῆς ἀναισχυντίας· παρέλκει τις τὴν κρίσιν, ἔνδον ἔχων ἀλλοτρίαν γυναῖκα, καὶ ὁ τοιοῦτος εἶναι λέγει δικαστής.

[...] Por que acha, seu tolo, que Quéreas é a parte contrária? Você arranjou seu senhor para ser seu rival no amor: agora o Rei também tem visões e reclamam sacrifícios os deuses para os quais sacrifica todo dia. Que falta de vergonha! O sujeito adia a sentença, com a mulher de outro em sua casa, e o tal se diz juiz!

Mais tarde, quando eclode a guerra entre a Pérsia e o Egito, o Grande Rei tem de deixar de lado suas tentativas de seduzir Calírroe e dedicar-se a assuntos políticos e militares. Neste momento, os adivinhos interpretam seu sonho, afirmando que “quando reclamaram sacrifícios, os deuses renunciaram o perigo, mas também a vitória” (VI, 8). É interessante, porque se, ao início, o sonho é percebido como uma artimanha do Grande Rei, ao final do romance, quando a vitória é conquistada pela Pérsia, a interpretação dos adivinhos é confirmada e, no âmbito dos narratários, o sonho é tido como verdadeiro e profético. É claro que ainda pode ter sido uma invenção do Rei e os adivinhos terem interpretado um sonho hipotético como se fora verdadeiro, mas não deixa de ser relevante que os resultados da interpretação tenham se concretizado. Além disso, aqui se nota o costume de monarcas orientais de consultar intérpretes de sonhos, sendo esta a única ocasião no romance em que a interpretação fica a cargo de especialistas.

O Sonho IX é o último do romance e também tem o Grande Rei como sonhante (VI, 7). Ele acontece antes de a guerra começar, logo após o eunuco Artaxates falhar em convencer Calírroe a

ceder diante da paixão do Grande Rei. O narrador apenas menciona que o Rei viu Calírroe em sonho, o que leva a uma intensificação de seu desejo por ela. Assim, o sonho orienta a ação da personagem, que pede para o eunuco empenhar-se em fazer com que Calírroe ceda ao Rei. Trata-se da última investida de Artaxates para convencer a jovem. O sonho parece ser apenas a manifestação do desejo do Rei, uma vez que passou a noite toda pensando em Calírroe e, quando adormece, sonha com ela.

A presença de um número considerável de sonhos no romance revela o lugar destacado que ocupam na cultura e no imaginário gregos. Sua análise comprova a ideia tida *a priori* de que estes impactam a narrativa, por serem parte integrante da construção dos eventos narrados e da lógica do enredo, devendo ser interpretados para que a história alcance sua plenitude, isto é, eles têm função narrativa. Capazes de gerar expectativas em relação à trama, também permitem ao leitor ter acesso ao íntimo das personagens de forma mais direta, como se, ao saber seus sonhos, pudessem conhecer melhor, “direto da fonte”, o *êthos*, as motivações e as angústias delas.

Por que Quéreas não sonha?

O levantamento dos sonhos em *Quéreas e Calírroe* chama a atenção para um fato. Se Calírroe é o personagem que mais vezes sonha (cinco das nove ocorrências estão ligadas a ela) – o que pode ser visto como natural, uma vez que tem papel de destaque na trama –, Quéreas, que divide com ela o protagonismo, não sonha nunca. Outros personagens masculinos o fazem, como o pirata Theron, Dionísio e o Grande Rei. Em *As Efésíacas*, o romance mais próximo a *Quéreas e Calírroe* inclusive na datação, ambos os protagonistas, Ântia e Habrocomes, que formam o par central, sonham.

Naturalmente interessa pensar a questão considerando seu contexto narrativo específico. Nele, Quéreas é dotado de uma grande mobilidade em relação aos demais personagens. Calírroe, em comparação, embora se desloque da Sicília até Mileto e, depois, até a Babilônia, em cada uma dessas

etapas tem sua movimentação limitada em vista do papel social que desempenha, o de esposa de um homem proeminente. No mundo grego, como na maioria das sociedades antigas, mulheres pertencentes a uma classe social elevada deveriam permanecer em casa, ocupando-se da gestão dos afazeres domésticos. Suas eventuais saídas eram monitoradas pelo responsável, marido ou pai, caso em que estariam sempre acompanhadas. Os homens, cujas atividades, políticas, militares, comerciais, davam-se majoritariamente fora de casa, ao ar livre, não sofriam restrições dessa espécie.

Dessa maneira, pode-se especular que Calírroe sonha mais porque, isolada no interior da casa, sob vigilância, sem poder até mesmo receber cartas sem que o marido saiba, como ilustra o episódio da correspondência interceptada por Dionísio, sonhe mais para, assim, situar-se diante de um universo que não pode explorar. Trata-se evidentemente de uma estratégia narrativa. Nesse sentido, é sintomático que todos os cinco sonhos da personagem ocorram no contexto de seu relacionamento com Dionísio.

Quéreas, por sua vez, está aberto para o mundo, não dependendo de visões oníricas para conduzir sua ação. Assim, ao descobrir que o túmulo da esposa fora saqueado e seu corpo fora levado, empreende uma expedição de busca dos piratas. Capturado Theron, descobre o paradeiro de Calírroe e parte à sua procura. Sua venda a Mitrídates fornece oportunidade para que escreva a Calírroe e a reencontre na Babilônia, durante o julgamento. Por fim, é na condição de guerreiro que termina por reconquistar a esposa, como butim de guerra. Ou seja, ele tem meios para investigar e executar ações, de modo que, do ponto de vista narrativo, o ato de sonhar não seria tão interessante.

Resta ainda observar que, ao contrário de Calírroe, que não tem com quem dividir suas preocupações (é verdade que ela conta com Plangona, mas, sendo esta serva de Dionísio, sua isenção está posta em dúvida de início), Quéreas é íntimo de Policarmo, seu amigo e confidente. Assim, o que vai pela alma de Quéreas traduz-se diretamente em suas conversas com o companheiro, de quem nada tem a esconder.

Referências bibliográficas:

- ARTEMIDORO. *La Interpretación de los Sueños*. Introdução, tradução e notas de Elisa Ruiz García. Madrid: Editorial Gredos, 1989.
- _____. *Oneirokritika de Artemidoro de Daldis (século II d.C.). Livros de análise de sonhos. Livro V*. Tradução do texto grego e estudo introdutório de A. de A. G. d'O. Ferreira. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2014 (online em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126228/ISBN9788579835803.pdf?sequence=1>).
- BRANDÃO, J. L. *A invenção do Romance*. Brasília: UNB, 2005.
- CÁRITON. *Quéreas e Calírroe*. Trad. Maria de Fátima de Sousa e Silva. Lisboa: Editora Cosmos, 1996.
- _____. *Quéreas e Calírroe*. Tradução de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2018 (no prelo).
- CARLISLE, D. P. C. *Και Οναρ και Υπαρ: Dreaming in the Ancient Novel*. Tese de doutorado – University of North Carolina, Chapel Hill, 2009.
- CUEVA, Edmund P. (ed.). *A Companion to the Ancient Novel*. Winchester: John Willey & Sons, 2014.
- GARRIDO, M. R. F. “Los sueños en la novela griega: Caritón de Afrodisias y Jenofonte de Éfeso”. *Habis*, n. 34, pp. 345–364.
- _____. & LOBO, M. A. V. “La terminología griega para ‘sueño’ y ‘soñar’”. *Cuadernos de Filología Clásica: Estudios griegos e Indoeuropeos*, vol. 13, 2003, pp. 69–104.
- HOLZBERG, N. *The Ancient Novel: An Introduction*. Translated by Christine Jackson-Holzberg. London and New York: Routledge, 1995.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2013.
- _____. *Odisseia*. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- MENESES, A. B. de. *As Portas do Sonho*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- MORGAN, J. “Chariton”. In: DE JONG, I; NÜNLIST, R; BOWIE, A. (ed.). *Narrators, Narratees, and Narratives in Ancient Greek Literature*. Leiden e Boston: Brill, 2004, pp. 479– 488.
- RAGUSA, G. *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. Organização e tradução de Giuliana Ragusa. São Paulo: Hedra, 2013.

